

Helena Carreiras e Andrés Malamud (organizadores)

DO FADO AO TANGO

OS PORTUGUESES NA REGIÃO PLATINA



LISBOA, 2010

© Helena Carreiras e Andrés Malamud (organizadores)

Helena Carreiras e Andrés Malamud (organizadores)
Do Fado ao Tango. Os Portugueses na Região Platina

Primeira edição: Maio de 2010
Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 978-989-96783-0-9
Depósito legal: 313078/10

Composição (em caracteres Palatino, corpo 10)
Concepção gráfica: Editora Mundos Sociais
Composição: Lina Cardoso
Capa: Nuno Fonseca
Imagem da capa: Fundadores da *Sociedad de Socorros Mutuos* de Salliqueló, Província de Buenos Aires, em 1916, cortesia de Marcelo Borges
Revisão de texto: Manuel Coelho
Impressão e acabamentos: Publidisa, Espanha

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 077
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt

Índice

1	A imigração e presença portuguesas na Região Platina..... <i>Andrés Malamud e Helena Carreiras</i>	1
2	Migrações portuguesas na Argentina: redes transatlânticas e experiências locais..... <i>Marcelo Borges</i>	15
3	La vida cotidiana de los portugueses de Buenos Aires durante el periodo colonial tardío..... <i>Emir Reitano</i>	43
4	Conflictos y tensiones en el proceso de construcción social de la identidad de los inmigrantes portugueses en Argentina..... <i>Ada Svetlitz de Nemirovsky</i>	67
5	Voltar ou <i>quedarse</i> ? Portugueses na Argentina depois da Segunda Guerra Mundial..... <i>Diego Bussola</i>	83
6	“Portugal Hoje”: o papel dos programas de rádio na comunidade portuguesa da Argentina..... <i>Fernando Moura</i>	99
7	Imigrantes portugueses no Sul do Brasil: escolhendo um Brasil diferente..... <i>Neide Almeida Fiori</i>	119
8	Açorianos, alemães, gaúchos: guerras culturais e políticas de identidade em Santa Catarina..... <i>João Leal</i>	139

9	Histórias de uma emigração recente: portugueses no Sul do Brasil.....	161
	<i>Maria Xavier</i>	
10	Brasil como refúgio de sempre: os portugueses gaúchos.....	177
	<i>Beatriz Padilla</i>	
11	Portugueses no Uruguai: redes, retratos e relatos	199
	<i>Helena Carreiras</i>	

Índice de figuras e quadros

Figuras

1.1	Mapa da Região Platina.....	2
1.2	Emigração portuguesa para o Brasil, 1884-1984	7
1.3	Emigração portuguesa para a Argentina, 1910-1960.....	8
3.1	Plano que divide la ciudad de Buenos Aires en veinte barrios (1794)	45
5.1	PIB <i>per capita</i> em Portugal e na Argentina	84
5.2	Casa de Portugal Virgen de Fátima em Villa Elisa	86
7.1	Casamento de Mário Augusto de Sousa e Gelsumina Andrade, ano de 1924	125
7.2	Mário Augusto de Sousa, ano de 1940 (data aproximada)	129
7.3	Casamento de Quitéria Campos e Antônio Joaquim de Almeida, ano de 1914	133
7.4	Quitéria Campos de Almeida com seus três filhos, ano de 1924 (data aproximada).....	135
11.1	Capa dos estatutos da <i>Sociedade Portuguesa de Beneficencia</i> , Salto, 1882.	202
11.2	Reunião de membros da <i>Casa de Portugal de Salto</i> (Uruguai) com os entrevistadores do projecto a 26 de Janeiro de 2005.....	203
11.3	Mausoléu Português no cemitério de Salto	204
11.4	José do Nascimento, entrevistado em sua casa, em Salto, Uruguai, em Janeiro de 2006	211

Quadros

2.1	Origem dos migrantes portugueses na Argentina, por região (em %) ..	18
2.2	Emigração portuguesa para a Argentina, 1914-55, por distritos de origem (em %)	19
3.1	Tasación de algunas propiedades de los portugueses de Buenos Aires	48
3.2	Distribución de los bienes de los portugueses zapateros.....	50

Maria Xavier é investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) e coordenadora de programação e comunicação da Casa da América Latina em Lisboa. É mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE-IUL).

Neide Almeida Fiori é professora da Universidade do Sul de Santa Catarina/Unisul e investigadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil.

Capítulo 1

A imigração e presença portuguesas na Região Platina

Andrés Malamud e Helena Carreiras

A presença histórica de Portugal e, sobretudo, a emigração de milhares dos seus nacionais para a região do Rio da Prata e a sua integração nas sociedades receptoras constituem o tema central deste livro.¹ O seu intuito é o de dar visibilidade a um fenómeno duplamente desconhecido: por um lado, porque no rio da Prata, cuja população é esmagadoramente de origem europeia, a maioria dos grupos migratórios têm sido estudados em profundidade, enquanto os portugueses o foram muito menos; por outro lado, porque as migrações portuguesas têm sido bem estudadas quando se dirigiam a outros destinos, mas não tanto quando se deslocavam para o rio da Prata — em especial para os países de língua castelhana.² Os portugueses platinos, que partiram da pátria do fado e do rancho folclórico para se instalarem nas terras do tango e do candomblé, encontram-se numa intersecção geográfica e demográfica relativamente pouco investigada. Para conhecer melhor o seu percurso histórico e a sua actualidade, reunimos uma equipa de sociólogos, historiadores, antropólogos e politólogos e desenvolvemos um projecto de investigação ao longo de dois anos. Esta obra constitui o seu fruto principal, reunindo não apenas textos relacionados directamente com o projecto, mas também outros de reputados especialistas e investigadores da presença portuguesa na Região Platina.

A Região Platina

O rio da Prata foi avistado pela primeira vez por europeus em 1516. O seu descobridor, o navegador espanhol Juan Díaz de Solís, confundiu-o com um mar, dadas as suas enormes dimensões, e denominou-o Mar Doce.³ O que Solís não sabia era que

-
- 1 Este capítulo contém fragmentos publicados em Carreiras, Malamud, Padilla, Xavier e Bussola (2007).
 - 2 Algumas importantes, embora recentes, excepções são: Assunção (2004), Reitano (2000), Svetlitz de Nemirovsky (2000) e, notavelmente, Borges (1989; 1991; 1997; 2000).
 - 3 Existem outras versões, embora menos fiáveis, que apontam para Américo Vesputio como descobridor do Rio da Prata (Assunção, 2004).



Figura 1.1 Mapa da Região Platina

nunca saíria do Prata com vida: os nativos não o permitiriam. Nem mesmo podia imaginar que havia iniciado a conquista de uma região que, com o tempo, se transformaria numa segunda fronteira entre os dois impérios ibéricos que disputavam entre si o novo mundo. Ao contrário do resto da América do Sul, onde enormes extensões vazias separavam as populações de origem hispânica e lusitana, na bacia do rio da Prata as frentes de conquista e exploração colonial estavam em contacto directo (Corrêa, 2000: 29). Aqui se combateria, nos séculos seguintes, pela definição dos novos limites entre Espanha e Portugal.

A Região Platina é, conjuntamente com as do Orinoco e do Amazonas, uma das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul. Abrange uma superfície superior aos 3.000.000 quilómetros quadrados — o que equivale a dois terços da superfície da União Europeia — e cobre extensas regiões de cinco países: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. O controlo do acesso ao Rio da Prata e a navegação dos seus rios interiores converteram-se, desde muito cedo, numa questão estratégica para as potências europeias, que procuravam as riquezas minerais escondidas no coração do continente e o fornecimento das povoações que iriam fundar visando a exploração e conquista do território.

Na sequência do Tratado de Tordesilhas de 1494, toda a Região Platina ficava na posse de Espanha. O enviado hispânico Pedro de Mendoza fundaria, em 1536, a cidade de Buenos Aires sobre a margem direita do rio. Contudo, em 1580 os acontecimentos políticos na Península Ibérica ocasionaram uma mudança inesperada. Dois anos antes, o rei português Dom Sebastião fora morto na batalha de Alcácer Quibir no Norte de África. O trono de Portugal ficou sem sucessores, o que fez com que, após a morte do regente transitório Dom Henrique, o rei de Espanha, Filipe II, tenha unificado sob a sua autoridade as coroas peninsulares. Simultaneamente, a cidade de Buenos Aires era novamente fundada por Juan de Garay, na medida em que a primeira povoação havia sido destruída pelos nativos. Assim, o ano de 1580 assinalou ao mesmo tempo o nascimento da União Ibérica na Europa e o da cidade mais importante da Região Platina na América. Se a primeira iria durar apenas sessenta anos, a segunda estava destinada a um futuro mais venturoso.

A dominação espanhola sobre Portugal manifestou-se, no Rio da Prata, de uma forma paradoxalmente invertida. Com efeito, Buenos Aires foi “invadida” pelos comerciantes lusitanos, que captavam o contrabando proveniente das minas do Potosí e introduziam os produtos ingleses na cidade, violando desse modo a regulamentação monopolística espanhola (Kühn, 2002: 31). Esta situação manteve-se até 1640, quando os reinos ibéricos voltaram a separar-se e os portugueses foram expulsos de Buenos Aires. Nesta circunstância, os comerciantes lusitanos pressionaram a corte para que fundasse um posto avançado na margem esquerda do Rio da Prata, com vista a disputar o controlo da região aos espanhóis. No entanto, a situação de Portugal, em guerra com a Espanha na Europa e com a Holanda no Nordeste brasileiro, não lhe permitiu dar uma resposta imediata às exigências locais. Isso viria a acontecer apenas em 1680.

Exactamente cem anos depois da segunda fundação de Buenos Aires pelos espanhóis, os portugueses fundariam um assentamento estrategicamente situado em frente da cidade porto. Colónia do Sacramento, situada no que hoje é Uruguai, converter-se-ia, com o tempo, numa espécie de Alsácia ou Lorena da América Latina: ora os espanhóis a conquistavam no campo de batalha, ora os portugueses a recuperavam na mesa das negociações. Empreendimento patrocinado pelos grandes comerciantes do Rio de Janeiro, Colónia foi objecto de inúmeros combates e acordos diplomáticos. Este vai-vém manter-se-ia até 1777, quando o Tratado de Santo Ildefonso definiu a sua entrega definitiva aos espanhóis.⁴ Contudo, a doutrina do *uti possidetis*, segundo a qual a posse de um território confere direito de propriedade sobre ele, permitiu que Portugal conservasse grandes extensões de terra que, segundo o Tratado de Tordesilhas, pertenciam à coroa espanhola. Entre estes territórios contam-se os actuais três estados do Sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com vista a garantir o controlo português sobre estes territórios, a coroa autorizou a entrada maciça de imigrantes açorianos em 1746. Os recém-chegados instalaram-se

4 Em 1750 tinha-se firmado o Tratado de Madrid, pelo qual se abolia o de Tordesilhas e se entregava Colónia do Sacramento (que passava para as mãos espanholas) em troca do território dos Sete Povos de las Misiones (que ficava na posse de Portugal). Contudo, o Tratado de El Pardo suspendeu o de Madrid em 1761.

maioritariamente no estado mais austral, Rio Grande do Sul, dando-lhe uma identidade particular que não perderia.

O Tratado de Santo Ildefonso foi assinado apenas um ano após a criação do vice-reinado do Rio da Prata em 1776. A nova jurisdição dividiu a América Hispânica, fazendo de Buenos Aires a capital do vice-reinado nascente e tornando a Região Platina autónoma do vice-reinado do Peru. Por conseguinte, a região passou a relacionar-se directamente com a Europa e permaneceu mais exposta a novas ideias e correntes de pensamento. Este caldo cultural germinou em 1810, quando se iniciou o processo que conduziria à independência dos territórios espanhóis. Buenos Aires tornou-se o foco dos movimentos revolucionários, mas o seu jacobinismo precoce contribuiu para alienar as populações e líderes do interior. Esta situação foi aproveitada por Portugal, que voltou a invadir a Banda Oriental em 1811.⁵ Até então, a fronteira sempre havia estado em movimento: não apenas as populações que habitavam as zonas transfronteiriças atravessavam frequentemente de um país para outro, mas os próprios limites territoriais sofriam deslocamentos em função dos acontecimentos militares, diplomáticos e demográficos. Foi a constituição dos Estados nacionais durante este período que consolidou a noção de uma rivalidade histórica. Na realidade, a fronteira havia sido, até esse momento, um espaço fluido, pouco povoado, aberto ao intercâmbio e disponível para a conquista, ora incentivada pelos governos, ora por ordens religiosas (jesuítas), ou pela ambição pessoal de aventureiros e bandeirantes.

Hoje em dia, a população platina é de origem maioritariamente europeia, com escassa presença de indivíduos de ascendência africana e uma reduzida componente indígena.⁶ A população autóctone e os escravos trazidos de além-mar foram dizimados no século XIX por guerras, doenças e, nalguns casos, campanhas explicitamente dirigidas a deslocá-los ou exterminá-los. Como consequência, os habitantes de ascendência hispânica ou lusitana converteram-se no elemento demográfico hegemónico. Os lusitanos, contudo, foram-se retraindo em direcção ao norte, sobretudo a partir da derrota militar do império brasileiro face às Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina) em 1828. O resultado mais evidente da guerra foi a criação da República Oriental do Uruguai na margem norte do Rio da Prata. Tratou-se de uma solução de compromisso, patrocinada pela Grã-Bretanha e aceite tanto pela Argentina como pelo Brasil. Ficava assim resolvida a questão do acesso e navegação nos rios interiores: nenhum dos beligerantes teria o controlo sobre ambos os lados do estuário; seria um novo país, o Uruguai, o encarregado de amortecer a relação entre os

5 O conflito entre as antigas colónias espanholas do Prata e o que seria o império do Brasil continuaria por resolver, com guerras intermitentes, até ao fim da Guerra do Paraguai em 1870, que alinhava a Argentina, Brasil e Uruguai contra o Paraguai.

6 A América Latina constitui um continente etnicamente misto mas não homogéneo. Nele encontram-se três grandes grupos demográficos provenientes de três regiões diferentes: americanos nativos, africanos e europeus. Os nativos localizam-se principalmente na área andina da América do Sul (Bolívia, Peru e Equador), na América Central e no Sul do México; os africanos concentram-se no Nordeste brasileiro e nas Caraíbas; os europeus, no entanto, predominam no Cone Sul. Nas restantes regiões é mais visível a hibridação, ainda que em proporção variável entre uma e outra área.

gigantes da região. No entanto, o processo de consolidação dos Estados nacionais não foi imediato e as forças centralizadoras do Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideo tiveram que lidar durante mais de três décadas com as tendências centrífugas cujo epicentro se situava no Rio da Prata.

Entre 1811 e 1870, quer dizer, entre as revoluções independentistas e a Guerra do Paraguai, as políticas domésticas da Argentina, Uruguai e Brasil estiveram fortemente imbricadas. As facções internas dos três países envolviam-se em contínuas alianças com facções afins nos países vizinhos, seguindo o princípio de que “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”. Estas interferências mútuas nos assuntos internos seriam interrompidas, contudo, quando os três países uniram forças numa guerra contra o Paraguai. O conflito desenrolou-se entre 1864 e 1870 e o seu resultado favoreceu a centralização estatal nas potências vencedoras. Faltava apenas um passo para a definitiva fixação das fronteiras, que selaria a supremacia dos estados nacionais sobre a fluidez territorial até então predominante na região (Wilde, 2003).

No início do século XX, sob inspiração do barão de Rio Branco — nessa altura ministro de relações exteriores do Brasil —, acordar-se-ia a delimitação definitiva das fronteiras nacionais. A partir deste momento não existiram mais disputas territoriais entre os quatro países da região. Não obstante, as desconfianças nacionais mantiveram-se e, por vezes, exacerbaram-se até limites que raiaram a paranóia. A Argentina e o Brasil começaram a crescer de costas viradas, esvaziando a fronteira e orientando o desenvolvimento em direcção às suas regiões centrais e áreas metropolitanas (Escudé e Cisneros, 2000). Apenas em 1985, com o retorno dos regimes democráticos ao Cone Sul, foi possível ultrapassar a velha rivalidade e substituir o isolamento mútuo e voluntário pela cooperação regional. A aproximação entre os quatro estados platinos deu lugar, em 1991, à criação do Mercosul, o mais ambicioso projecto de integração até então concebido na América Latina. Entretanto, durante o século que antecedeu o Mercosul, a composição demográfica da região havia sofrido graduais modificações. À base histórica de ascendência espanhola (na Argentina e Uruguai) e portuguesa (no Brasil) foram-se somando camadas migratórias provenientes tanto das velhas metrópoles como de lugares mais remotos. Assim, aos imigrantes ibéricos que continuavam a chegar vieram juntar-se milhares de italianos, alemães, polacos e nacionais de vários países da Europa Central. Na Argentina, o impacto das migrações foi enorme: segundo os correspondentes recenseamentos nacionais, a população duplicou entre 1869 e 1895, voltando a fazê-lo em 1914 e outra vez em 1947. Em 1960 o país contava com 20 milhões de pessoas: dez vezes mais que um século atrás. No Brasil e no Uruguai, o impacto migratório sobre a composição demográfica também foi muito forte, embora no caso brasileiro a enorme extensão territorial tenha resultado numa distribuição étnica menos homogénea (e com uma presença significativa de indivíduos de origem africana).

Esta avalanche migratória deu forma ao que se conhece como “sociedades aluviais”, pois a forma como as diferentes vagas se vão acomodando sugere o efeito da sedimentação após inundações sucessivas (Romero, 1978). A gradual assimilação dos imigrantes foi moldando as sociedades uruguaia, argentino-pampeana e brasileira austral, que mantiveram, apesar de tudo, algumas características comuns das

épocas em que a fronteira era móvel e as populações locais interactuavam com maior fluidez. Entre esses aspectos culturais, decorrentes em parte de uma geografia plana, um clima temperado e enormes distâncias apenas transpostas por horas de cavalgada, destacam-se a tradição rural do gaúcho, a cerimónia do chá-mate, a gastronomia baseada em carne de vaca e uma relação familiar com a Europa, mais que com as culturas africana ou nativa. Neste ambiente terão lugar os processos de imigração e integração social que aqui se estudam.

Os fluxos migratórios portugueses para o Rio da Prata

Argentina, Brasil e Uruguai foram os países latino-americanos que conseguiram atrair a maior quantidade de imigrantes europeus (Baily e Míguez, 2003; Kritz e Gurak, 1979). Os novos povoadores provinham principalmente de três países: as antigas metrópoles (Espanha e Portugal) e Itália. Os italianos distribuíram-se com certa proporcionalidade entre os três países platinos; espanhóis e portugueses, em contraste, privilegiaram os destinos em que se falava a sua língua materna. Assim, o fluxo de portugueses em direcção ao Brasil foi, para além de contínuo, muito maior numérica e proporcionalmente que em direcção à Argentina e Uruguai.

Os dados estatísticos disponíveis (recenseamento da população da Argentina, Brasil e Uruguai; boletins da Junta Nacional de Emigração; Borges, 1997) permitem identificar três grandes períodos migratórios dos portugueses para a região ao longo do século XX. O primeiro continua a tendência do século anterior e termina por altura da crise de 1930; o segundo inicia-se após a Segunda Guerra Mundial e dura até meados da década de 1960; o terceiro revela-se na sequência da revolução de Abril de 1974 em Portugal. Enquanto os fluxos registados no primeiro período são parte da chamada imigração de massas, o pico de 1950 corresponde já a uma outra etapa. Por seu turno, o terceiro período, relativo à segunda metade dos anos 70, refere-se a um aumento ligeiro e episódico da emigração portuguesa, sobretudo em relação ao Brasil, e reflecte a conjugação de dois fenómenos: a busca de asilo político por parte de exilados do anterior regime e a procura de novos horizontes por parte dos que deixavam a África após a descolonização.

A maioria dos estudos sobre migrações portuguesas analisa os fluxos até 1950 ou a partir de 1950. Esta temporalidade encontra-se associada à criação, nessa altura, da Junta Nacional de Emigração, que centralizou a informação estatística. No total, entre 1950 e 1969 emigraram 989.558 portugueses (BJNE). A maioria fê-lo em direcção a França (34,7%) e Brasil (31,4%), enquanto outros se dirigiram aos Estados Unidos (8,4%), Venezuela (7,4%), Canadá (6,2%), Alemanha (4,6%), África do Sul (2,2%) e Argentina (1,3%). Antunes (1970) identifica dois períodos nestas duas décadas: o período brasileiro até 1958 e o francês a partir de 1963. Baganha (2000) realiza uma classificação semelhante, denominando o primeiro ciclo migratório transatlântico, com preponderância do Brasil até 1950, e o segundo intra-europeu, em que a França se destaca como destino predominante.

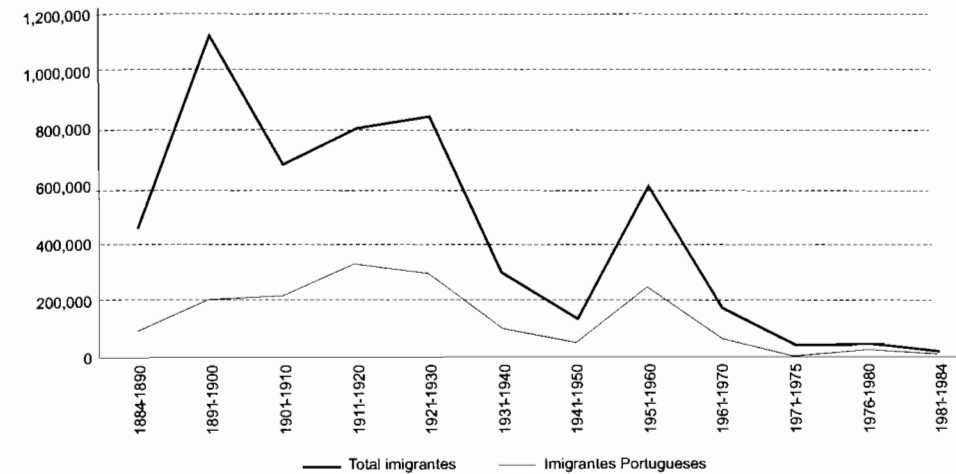


Figura 1.2 Emigração portuguesa para o Brasil, 1884-1984

Fonte: AIBGE

No Rio da Prata, 1952 foi o ano de maior emigração portuguesa da segunda metade do século. Contudo, a origem geográfica dos emigrantes para a Argentina e Brasil diferia significativamente. Enquanto a maioria dos portugueses que se dirigiam ao Brasil eram originários de Viseu, Porto, Aveiro, Funchal e Bragança (BJNE), a maioria dos que emigraram para a Argentina provinha dos distritos de Faro e Guarda (Borges, 1997) e, a partir de meados de 1950, também de Viana do Castelo e Braga (BJNE).

A emigração portuguesa para o Brasil reveste-se de duas características singulares relativamente aos outros grupos de imigrantes nesse país: a regularidade dos fluxos ao longo do tempo e a forte presença numérica. Os portugueses, primeiro como colonos sob o império, depois como imigrantes, sempre estiveram presentes na população do território. Assim, em cada década do século XX e até 1980, representaram pelo menos 30% da entrada de imigrantes (figura 1.2). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indicam que apenas os italianos superaram em número os portugueses durante breves períodos, em particular durante as últimas décadas do século XIX (quando foram recrutados para substituir a mão-de-obra escrava, especialmente nas roças de café). Os portugueses constituíram, pois, o grupo imigrante mais significativo no Brasil ao longo do século XX.

No Sul do Brasil, a imigração portuguesa teve outras particularidades. Por um lado, os fluxos migratórios foram sempre reduzidos, claramente em termos absolutos, mas também em relação aos dirigidos ao Rio de Janeiro, São Paulo e às cidades do Nordeste. Por outro lado, embora a ocupação e povoamento do Sul do Brasil na época colonial tenha estado associada à acção de açorianos, a partir da independência a situação alterou-se. Outras comunidades de imigrantes aí se estabeleceram,

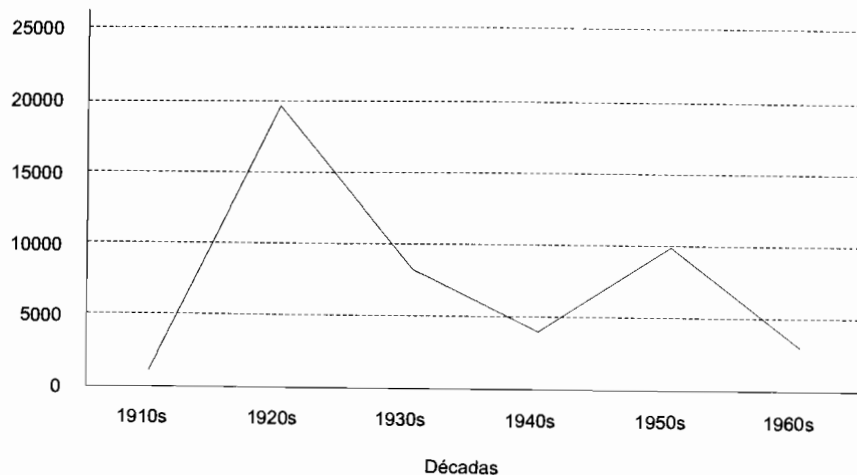


Figura 1.3 Emigração portuguesa para a Argentina, 1910-1960

Fonte: Décadas de 1910 a 1940: estimativas com base nas publicações *Movimento da População* (1914-21) e *Anuário Estatístico* (1921, 1923-1924, 1926-1955) apresentados em Borges (1997); décadas de 1950 e 1960: boletins da Junta Nacional de Emigração.

designadamente alemães, italianos, polacos e espanhóis, pelo que os portugueses se transformaram numa comunidade mais reduzida e, portanto, menos visível. Dados do recenseamento da população do AIBGE (2000) ilustram a concentração de portugueses em certos estados e a sua escassa presença noutros: dos 213.000 residentes no Brasil nascidos em Portugal, apenas 9000 (4%) habitavam nos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, enquanto 89% se concentravam nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Curiosamente, também na Argentina a história da imigração é habitualmente analisada em três etapas (Devoto, 2003): a precoce, a de massas e a contemporânea. Os portugueses, em proporção variável, participaram nas três. Como atrás se referiu, desde a época colonial existiram portugueses na região, muitos deles ligados à navegação ou ao comércio. Mais tarde, na época da imigração de massas, os portugueses chegaram no final da etapa. Na época contemporânea, pelo contrário, a imigração portuguesa chegou cedo em comparação com os fluxos posteriores provenientes de países vizinhos.

Desde o início do século XX e até 1930, a imigração portuguesa cresceu de forma sustentada. Durante esse período, os imigrantes provenientes dos distritos de Faro e Guarda representavam cerca de 60% das chegadas, enquanto os distritos de Castelo Branco, Viseu, Braga e Leiria contribuíam com cerca de 5% cada. A década de 1920 constituiu a época de ouro da imigração portuguesa para a Argentina, a qual apenas voltou a florescer, embora em proporções menores, nos primeiros anos da década de 1950 e entre 1958 e 1962 (figura 1.3). Os portugueses instalaram-se sobretudo na província de Buenos Aires, embora uma importante comunidade portuguesa tenha

vindo a fixar-se na região patagónica de Comodoro Rivadavia quando teve início a exploração maciça de jazidas de petróleo, aí convivendo com outras comunidades imigrantes da Europa e Chile (Torres, 1995).

A onda migratória da Europa em direção à Argentina no segundo pós-guerra reduziu-se, segundo Devoto, “a um episódio intenso mas breve entre 1947 e 1951” (2003: 408). No caso dos portugueses, contudo, essa onda estendeu-se um pouco mais, já que a década de 1950 e os dois anos seguintes testemunharam um movimento significativo de imigrantes (Bussola, 2005). O trabalho de campo realizado no âmbito deste projecto confirma a hipótese de Borges (1997) no sentido de que o prolongamento desta onda se deveu, principalmente, à dinâmica das redes de imigrantes chegados em períodos anteriores e que se mantiveram em contacto com as comunidades de origem.

No Uruguai, a presença portuguesa também data do período colonial. Embora neste caso os dados sejam mais imprecisos, também neste país se manifestaram as migrações em massa entre finais do século XIX e início do século XX. Contudo, a intenção de povoar o interior com imigrantes europeus fracassou, segundo Finch (1995), por vários motivos, entre eles o predomínio do latifúndio e as características dos solos. Os portugueses que aqui chegaram no século XX instalaram-se sobretudo em duas regiões: nos arredores da cidade de Montevideo, sobre o Rio da Prata, e na cidade de Salto, na costa do Rio Uruguai, tendo-se dedicado sobretudo à agricultura. Enquanto os portugueses residentes em Montevideo chegaram majoritariamente das regiões do Norte (Minho e Trás-os-Montes), os de Salto eram provenientes sobretudo do distrito do Porto.

No que ao presente diz respeito, informação recolhida nos consulados de Portugal permitiu contabilizar, em 2005, cerca de 12.000 portugueses residentes na Argentina, 210.000 no Brasil⁷ e 1100 no Uruguai. Com excepção da referida comunidade de Comodoro Rivadavia, a maioria dos portugueses na Argentina residia nos arredores da cidade de Buenos Aires ou na extensa planície pampeana que a circunda. No Brasil, em contraste, os portugueses residentes nos estados do Sul constituíam uma minoria, sendo que apenas 800 se encontravam registados no estado de Santa Catarina, 2500 no Rio Grande do Sul e 6000 no Paraná.

Estrutura do livro

Na sequência deste capítulo encontram-se dez outros textos, cada um deles analisando uma temática específica relativa aos diferentes países da Região Platina. Cinco desses capítulos debruçam-se sobre os portugueses e os seus descendentes na Argentina, quatro abordam os estados do Sul do Brasil e o último incide sobre o Uruguai.

No segundo capítulo, Marcelo Borges estuda as redes transatlânticas e as experiências locais das migrações portuguesas na Argentina. O seu trabalho analisa a

⁷ Segundo dados do último censo brasileiro, vivem no Brasil cerca de 700.000 portugueses, dos quais apenas 210.000 nasceram em Portugal.

imigração portuguesa na Argentina durante o longo período das migrações transatlânticas de mão-de-obra, que abrange do último quartel do século XIX até meados do século XX. A primeira parte do artigo apresenta o contexto histórico da imigração portuguesa para Argentina, as mudanças históricas e o nível espacial. De seguida, apresenta uma variedade de experiências migratórias, com especial atenção para a composição regional e local dos diversos fluxos e o papel que eles tiveram na formação de comunidades em diversos espaços de assentamento na Argentina, incluindo comunidades rurais e urbanas. Uma ideia central do estudo é que os movimentos migratórios portugueses foram fenómenos de base local. Por isso, e sem negar a importância do contexto estrutural (político e económico) que criou condições e impôs limites ao deslocamento dos migrantes portugueses, o artigo privilegia a análise dos mecanismos micro baseados em relações de base local (familiar e aldeã), nomeadamente o papel das redes migratórias.

No terceiro capítulo, Emir Reitano examina a vida quotidiana dos portugueses de Buenos Aires durante o período colonial tardio. Nessa altura, os portugueses de Buenos Aires não constituíam um grupo social homogéneo, o que se reflectiu nos diferentes estilos de vida sustentados por necessidade ou aparência. O estudo dos sectores bem instalados da sociedade portenha exhibe, através dos seus testamentos, um variado inventário do seu património, consistindo em roupas, jóias, móveis, artigos suntuários e escravos. Estes dados revelam-se com detalhe nas páginas daqueles documentos, o que não acontece com os sectores baixos, tornando o seu estudo mais difícil. Esta informação deve ser rastreada em duas fontes: por um lado, os processos judiciais que envolviam portugueses em variados pleitos e causas criminais; por outro lado, procuraram-se os censos coloniais e registos paroquiais, mesmo que fragmentários. A conclusão é que os portugueses da Buenos Aires colonial constituíram uma comunidade que, embora heterogénea, tinha um interesse comum de integração dentro do complexo mosaico dessa sociedade platina. Esta integração viu-se definitivamente consolidada quando muitos dos seus filhos passaram a desempenhar um papel fundamental nas guerras de independência, abraçando a carreira militar ou integrando-se activamente na sociedade a seguir à revolução, exibindo uma intensa participação na vida nacional independente.

No quarto capítulo, Ada Svetlitz de Nemirovsky investiga os conflitos e tensões no processo de construção social da identidade dos imigrantes portugueses na Argentina. A partir de uma perspectiva que assume a formação da identidade como um processo que se mantém em desenvolvimento constante ao longo da vida dos indivíduos, analisam-se os aspectos formais, espaciais e temporais com impacto no processo de construção da identidade dos portugueses residentes na Argentina. A convergência de uma multiplicidade de conflitos e tensões, tanto no país de origem como no de recepção, foi gerida pelos portugueses por forma a adaptar-se ao novo espaço. Duma paisagem em que predominavam pequenas aldeias com ampla homogeneidade racial, linguística e cultural, símbolo do mundo provinciano, uniforme, tradicional e seguro onde tinham nascido, tiveram que integrar-se num país multicultural que se encontrava em pleno processo de crescimento económico e demográfico. Este artigo debruça-se sobre os mecanismos que os recém-chegados mobilizaram para atingir esse objectivo.

No quinto capítulo, Diego Bussola discute o dilema que enfrentaram os portugueses que chegaram à Argentina depois da Segunda Guerra Mundial, entre voltar a Portugal ou ficar no seu país de acolhimento. Se na década de 1950 as melhores condições económicas do país receptor relativamente ao de origem justificavam a aventura de deixar “a terra”, a crise argentina de 2001 veio instalar a dúvida. O facto de hoje Portugal ser mais desenvolvido que a Argentina volta a introduzir entre os migrantes portugueses a questão de voltar “*o quedarse*”. A partir de entrevistas realizadas a migrantes chegados no segundo pós-guerra, o artigo explora os percursos, as estratégias e as opções daqueles portugueses que se instalaram na área metropolitana de Buenos Aires. Apesar da diversidade de casos, existe um padrão comum: origem rural, residência na área metropolitana de Buenos Aires, importância das redes preexistentes, trabalho em zona de quintas e filhos nascidos na Argentina. Aprofundando a análise a partir de histórias de vida, o artigo desvenda o peso do sucesso, do desejo de voltar e da vontade de unificação familiar como elementos chave na tomada de decisão relativamente ao retorno. O autor defende que o balanço feito na actualidade quanto à emigração é informado por uma questão particular: a da evolução relativa das economias portuguesa e argentina. Isto produz “casos de insucesso” que, nalgumas situações, têm vindo a modificar as expectativas e decisões dos portugueses na Argentina.

No sexto capítulo, Fernando Moura explora os programas de rádio da comunidade portuguesa residente em Escobar, na Argentina, desde a década de 1950, mostrando como constituem um elemento significativo da reconstrução da identidade nacional portuguesa no exterior. Essa identidade é construída pelos próprios imigrantes, estruturando-se em torno da “saudade e da lembrança de uma vida passada”: a vida em Portugal, um horizonte longínquo mas muito presente no seu quotidiano. Partindo de um exercício descritivo de enquadramento, este trabalho analisa o papel dos meios de comunicação na gestão quotidiana da identidade colectiva desta população migrante. No decorrer deste trabalho observou-se que uma grande percentagem dos inquiridos sintoniza e ouve regularmente programas de rádio específicos realizados por membros da comunidade, considerando-os um elo de ligação à terra em particular e a Portugal em geral.

No sétimo capítulo, Neide Fiori explica a escolha dos imigrantes portugueses que chegaram ao Sul do Brasil, aos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, uma região que apresenta várias especificidades nas suas formas históricas de povoamento. Logo aquando da chegada da corte portuguesa ao Brasil, o príncipe regente Dom João VI tomou a decisão de abrir o país aos imigrantes. Em breve, os estrangeiros que chegavam foram encaminhados para o Rio Grande do Sul, iniciando uma saga que iria abranger os três estados mais meridionais do Brasil. Dessa forma, na região Sul passaram a conviver, juntamente com populações de origem luso-brasileira, grupos das mais diversificadas origens, como alemães, italianos, suecos, austríacos, noruegueses, franceses, polacos, russos, ucranianos, sírio-libaneses e japoneses. Estes grupos caracterizavam-se por chegar em vagas migratórias, sendo logo encaminhados pelas autoridades para zonas isoladas, muitas vezes verdadeira mata virgem que se entendia ser necessário colonizar; nesse contexto, os agricultores eram muito bem-vindos. Os imigrantes

originários de Portugal, todavia, não estavam submetidos a essas regras pois, dadas as características da política imigratória brasileira destinada à região Sul, não eram encaminhados para zonas que precisavam de ser desbravadas — podendo decidir sobre o seu destino no sentido de localização geográfica, tornando-se preferencialmente imigrantes urbanos. Geralmente atingiam o Sul tendo entrado no país pelos portos do Rio de Janeiro ou de Santos e não chegavam à região em grandes fluxos, quando muito em grupos familiares. Com base numa metodologia apoiada em obras publicadas, legislação, teses e dissertações, dados quantitativos, especialmente dos censos populacionais do Brasil à entrada e à movimentação de imigrantes, documentos históricos no âmbito de consulados e embaixada de Portugal e pesquisa iconográfica, o estudo conduziu à elaboração de duas histórias de vida de imigrantes portugueses no Sul do Brasil: Quitéria Campos de Almeida e Mário Augusto de Sousa.

No oitavo capítulo, João Leal estuda o lugar de açorianos, alemães e gaúchos nas “guerras culturais” e na definição de políticas de identidade em Santa Catarina. Este estado foi povoado, a partir de meados do século XVIII, por um conjunto de movimentos migratórios entre os quais se destacam o açoriano — a meados do século XVIII — e alemão — no decurso do século XIX. A partir de 1980 a imigração gaúcha, proveniente do estado do Rio Grande do Sul, tem também adquirido grande relevo. Este artigo, assente em trabalho de campo conduzido em 2000 e 2001, toma como seu ponto de partida a importância que o movimento açorianista, constituído em torno dos descendentes da imigração açoriana do século XVIII, tem vindo a assumir no estado de Santa Catarina, em particular em Florianópolis e noutros municípios da área litoral do estado. As origens do movimento remontam ao Congresso de História Catarinense de 1948, mas o seu desenvolvimento mais efectivo ocorreu sobretudo a partir do início da década de 1990, quando o açorianismo começou a receber um apoio popular mais significativo. O artigo mostra a centralidade que neste processo tiveram as guerras culturais com os descendentes de alemães e com a diáspora gaúcha. A contraposição às comunidades de origem alemã foi sobretudo importante na génese do movimento e nas suas primeiras décadas de desenvolvimento. Quanto à contraposição à diáspora gaúcha, organizada em torno dos Centros de Tradição Gaúcha, tem sido decisiva no processo de expansão que o movimento conheceu a partir dos anos 1990. Nas conclusões sublinha-se o vínculo entre políticas de identidade e processos de construção de alteridade étnica que decorre dos materiais apresentados.

No nono capítulo, Maria Xavier reconstitui o processo da emigração portuguesa para o Brasil, um destino historicamente em declínio, para depois apresentar, em forma de relato etnográfico e de análise biográfica, histórias de uma emigração recente e bem sucedida para o Sul do país, uma região pouco significativa em número de portugueses. Além de identificar o que estes casos têm de novidades e continuidades por comparação com fluxos anteriores, o capítulo levanta a possibilidade de existência de um novo perfil de emigrante, bem como a hipótese de formação de um novo fluxo no futuro, com a previsível contracorrente da imigração brasileira em Portugal.

No décimo capítulo, Beatriz Padilla analisa a história recente e situação actual dos “portugueses gaúchos”. Embora o Brasil tenha constituído o destino predilecto

dos portugueses ao longo do século XX, a região do Sul foi mais a excepção que a regra, já que aí eles constituem uma minoria diluída entre outras comunidades migrantes. Contudo, é possível caracterizar os fluxos para a região na segunda metade do século XX distinguindo trajectórias e perfis definidos dos emigrantes portugueses em diferentes momentos: vaga de 1950-1960, de 1970 e entre-séculos (desenvolvida no texto de Maria Xavier). Com base em informação documental e em entrevistas realizadas a portugueses residentes em Porto Alegre e Florianópolis, procura-se descrever essas trajectórias e perfis para identificar semelhanças nas motivações de saída, na escolha do destino, nas inserções profissionais e na transformação das identidades. Destaca-se, para além do mais, a relação Portugal-África como pivô na migração para o Brasil nestes períodos.

No último capítulo, Helena Carreiras reconstrói retratos de uma comunidade portuguesa no Uruguai. Mais especificamente, o artigo desenvolve um estudo de caso baseado em observação de terreno e entrevistas a imigrantes portugueses e luso-descendentes residentes na cidade de Salto. Procurando mapear um objecto empírico totalmente inexplorado na literatura existente, o artigo apresenta dados de enquadramento sobre a presença portuguesa no Uruguai e explora mais aprofundadamente a trajectória e experiências de vida de imigrantes portugueses, entrevistados entre 2005 e 2006.

Este livro é o resultado de um projecto de investigação patrocinado pelo Programa Lusitânia e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), o Gabinete de Relações Internacionais da Ciência e do Ensino Superior (GRICES) e o Instituto Camões. O Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) acolheu o projecto e administrou a sua execução. O livro encontra-se redigido nas duas línguas platinas, Português e Castelhana, numa opção reflectida de, à semelhança daqueles que estudamos, valorizar ambas as culturas e pertenças. Estamos muitos gratos a António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e Luís de Sousa pelo seu estímulo e apoio, e a Fátima Carreiras e Áurea Dias pela assistência de investigação.

Referências bibliográficas

- AIBGE (vários anos), *Anuário Estatístico*, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Antunes, M. L. Marinho (1970), “Vinte anos de emigração portuguesa: alguns dados e comentários”, *Análise Social*, VIII (30-31), pp. 299-385.
- Assunção, Fernando O. (2004), *Portugueses en el Río de la Plata. Presencias y Herencias del Siglo XVI al Siglo XX*. Montevideo, Embajada de Portugal.
- Baganha, Maria Ioannis (2000), “La emigración portuguesa después de la Segunda Guerra Mundial”, em António Costa Pinto (org.), *Portugal Contemporâneo*, Madrid, Sequitur.
- Baily, Samuel L., e Eduardo José Míguez (orgs.) (2003), *Mass Migration to Modern Latin America*, Wilmington, DE, Scholarly Resources.
- BJNE (vários anos), *Boletim Anual*, Junta Nacional da Emigração.
- Borges, Marcelo (1989), “Los portugueses en Buenos Aires a mediados del siglo XIX: una aproximación sociodemográfica”, *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 12.

- Borges, Marcelo (1991), "Características residenciales de los inmigrantes portugueses en Buenos Aires en la segunda mitad del siglo XIX", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 18.
- Borges, Marcelo (1997), "Portuguese in Two worlds: a historical study of migration from Algarve to Argentina", tese de doutoramento, não publicada, Rutgers University.
- Borges, Marcelo (2000), "Migration systems in Southern Portugal: regional and transatlantic circuits of labor migration in the Algarve (eighteenth-twentieth centuries)", *International Review of Social History*, 45: 171-208.
- Bussola, Diego (2005), "Os portugueses na região platina: notas sobre a singularidade argentina", 1.º Seminário sobre a Comunidade Portuguesa no Cone Sul, Instituto Camões, Buenos Aires, 30 de Setembro.
- Carreiras, Helena, Andrés Malamud, Beatriz Padilla, Maria Xavier, e Diego Bussola (2007), "Do fado ao tango: a emigração portuguesa para a Região Platina", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 54: 49-73.
- Corrêa, Luiz Felipe de Seixas (2000), "O Brasil e os seus vizinhos: uma aproximação histórica", em AA.VV., *Brasil-Argentina: A Visão do Outro*, Brasília, Funag-Funceb, pp. 29-43.
- Devoto, Fernando (2003), *Historia de la Inmigración en la Argentina*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana.
- Escudé, Carlos, e Andrés Cisneros (2000), *Historia General de las Relaciones Exteriores de la República Argentina*. Buenos Aires: GEL.
- Finch, Henry (1995), "Uruguayan migration", em Robin Cohen (org.), *The Cambridge Survey of World Migration*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Kritz, Mary, e Douglas Gurak (1979), "International migration trends in Latin America: research and data survey", *International Migration Review*, 13 (3), pp. 407-427.
- Kühn, Fábio (2002), *Breve História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Leitura XXI.
- Reitano, Emir (2000), "Los comerciantes portugueses del Buenos Aires tardocolonial: inversiones, familia, relaciones", *Jornadas sobre los Comerciantes como Empresarios, Siglos XVII al XX*, Universidad Argentina de la Empresa (UADE), Buenos Aires.
- Romero, José Luis (1978), *Breve Historia de la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Huemul.
- Svetlitz de Nemirovsky, Ada (2000), "Celebraciones en los clubes portugueses de Argentina: la construcción de la doble identidad", *Documentos de Trabajo*, 154, Universidad de Belgrano.
- Torres, Susana (1995), "Two oil company towns in patagonia: european immigrants, class, and ethnicity (1907-1933)", tese de doutoramento, Rutgers University.
- Wilde, Guillermo (2003), "Orden y ambigüedad en la formación territorial del Río de la Plata a fines del siglo XVIII", *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 9 (19), 105-135.